



Cançioneiro Minhoto

(Continuado do n.º 5 do 7.º anno)

(Recolhidas em Fão)

240

Estes rapazes d'agora,
São feios mas são valentes;
Trazem a pia dos porcos,
Atrancada nos dentes.

241

Ainda que o papel custe
A folha oito tostões;
Não deixava de escrever,
As minhas *incrinações*.

242

Heide escrever uma carta,
O' meu amor do Bomjardim,
Para todas falla e brinca,
As pennas são só p'ra mim.

243

O mar se torne em flores,
O navio um jardim,
Os mastros n'uma assucena,
Para elle se lembrar de mim.

244

Escrevi na branca arcia
O retrato do meu bem,

Escrevi fugi depressa;
Antes que visse alguém.

245

Vai-te carta feliz voando
Ter ás mãos do meu bem,
Se d'ella troixeres resposta,
És mais feliz que ninguém.

246

O meu amor foi-se embora,
E me ficou de escrever;
Cartas' são escusadas,
Para mim que não sei ler.

247

Escrevia-te uma carta
Se tu a soubesses ler,
Mas tu vaes dal-a a ler a outra,
Descobres o bem querer.

248

Vou-me d'aqui para o correio,
D'aqui pr'o correio me vou,
Vou-me buscar uma carta,
Do meu amor que embarcou

249

Não te ponhas a chorar,
Lagrimas ao pe de mim;
Sabias qu'eu era homem,
Não te fiaras em mim.

(Recolhidas em Espozende)

250

Coração abre-te e falla,
Sae e anda cá p'ra fora,
Anda ver o teu amor,
Que chegou aqui agora.

251

O' rua do Becco Doce,
Só tu me deves paixão,
Quero ver a tua sombra
Debaixo d'um lampeão.

252

O' que lindo luar vae,
Para colher a marcella;
Para colher-a e seccal-a
E fazer a cama n'ella.

253

A maçã da macieira,
Não se quer abocadada,
É como a moça solteira,
Que espera de ser casada.

254

Levanta-te d'essa cama,
Que já vae alto o luar;
Já bateu a meia noite,
São horas de ires p'ro mar.

255

Chamas-te-me farrapeira,
da rua do algodão;
farrapeira é-lo tú,
e mais a tua geracão.

256

Vós de lá e eu de cá,
mete-se o rio no meio,
muitas cousas se não fazem,
por causa do *arreccio*.

257

Adeus jornal d'Espozende,
não lhe tendes que deitar,
deitai-lhe cantiguinhas,
d'aquellas que ouvís cantar.

258

Espozende vae *d'aumento*
cada vez está aumentar,
não aumenta com as ruas,
os garotos se vão formar.

259

Cazei-me c'um ferreiro,
fado tinha de passar,
gastei o meu dote todo
em sabão para o lavar.

260

Cazei-me c'um ferreiro,

deu-me *bontade* de rir,
tinha a cara muito negra,
os olhos (1) a reluzir.

261

Ouviste tú ó mariquinbas,
eu te dou os parabens;
já me deram por noticia.
que não tens os trez vintens.

262

O amor e o dinheiro,
é preciso cautella com elle,
não se dà nem se empresta,
porque se fica sem elle.

263

Chamas-te-me olhos de gato,
boas senhoras os tem:
não fui furtar meus olhos,
á gatinhos de ninguém.

264

Esta noite sonhei eu,
contigo minha belleza;
acordei achei-me só,
em sonhos não ha firmeza.

265

Se nós fossemos ricos,
ninguem quebraba o chão,
nem os sapateiros botavam tombras,
nem os padeiros cozião pão.

266

Andas de baixo a cima,
como o figo na figueira;
tu querias-te casar,
mas não topas quem te queira.

267

Janella de pau de pinho,
caruncho bravo te coma,
ainda te vaes por a ella,
cara de pouca vergonha.

268

Da janella de meu pai
Vejo eu a de meu sogro,
quem me dera ver a filha,
que é mais por quem eu morro.

(1) A mesma cantiga tambem se
canta:

os dentes a reluzir.

269

Se fores ao rego lavar
põe-te na pedra do meio,
se vires cair flores,
apanha mette no ceio.

270

Minha terra minha terra,
minha terra não a nego,
minha terra é Espozende,
onde os meus olhos navego.

271

Heide cantar, heide rir,
faltar para toda a pessoa:
nem o cantar nem o rir,
não me tira d'eu ser hõa.

272

Quatro com cinco são nove,
com mais nove são dezoito,
com mais seis são vinte e quatro,
com mais quatro são vinte oito.

273

Oh! José nome de joia,
o teu nome joia é,
quando me fallam em joia,
lembra-me logo José.

274

Não sei que praga te rogue,
que te possa empecer,
rogo-te uma praga d'alma
que aos meus braços venhas ter.

275

Quando eu era pequeno
que minha mãe m'imbalava,
em cantigas me dizia,
p'ra que sorte me creava.

276

O meu amor é *urives*
e o teu é mercador;
o meu da-me prendas d'ouro,
o teu prendas d'amor.

277

Eu espero da Bahia,
lá do rio de Janeiro;
da Babia uma carta,
do Rio meu brasileiro.

278

Tendes a peireira á porta

não a sabeis lagartar;
tendes o amor defronte,
não o sabeis namorar.

279

Eu não o sei namorar
tenho vigias defronte;
eu ando mais espreitado,
de que o coelho no monte.

280

Casadinha d'oito dias,
mandei trabalhar o *home*;
anda agora em moda,
quem não trabalha não come.

281

Eu queria-me cazar,
mas tenho medo a fome;
anda agora uma moda
da mulher manter o *home*.

282

Hei-de seguir meus estudos,
diga o mundo o que disser,
não ha coisa de d'eu mais goste,
do que é d'uma mulher.

283

Eu quebrei o cantarinho
á porta dos meus amores,
poz-me apanhar os caquinhos,
como quem apanha flores. (1)

284

D'onde vens ó Anna?
eu venho d'alli;
que trazes na cesta?
que te importa a ti.
Retira-te olé,
não me ponha o pé,
qu'eu sou *bira-bira*,
qu'eu sou de Loulé.

285

D'onde vens ó Anna?
eu venho do mar:
Que trazes na cesta?
Bacalhau p'ra assar.
Retira-te olé,
não me ponha o pé,
qu'eu sou *bira-bira*,
qu'eu sou de Loulé.

(1) Vid canção n.º 178 d'esta colleção.

(Recolhidos em Barcellos)

286

Já fui canario do rei,
já lhe cantei na gaiola,
tambem já foi *pintasilvo*
do senhor Juiz de fóra.

287

Eu defronte e vós á vista,
nem eu fallo nem vós fallaes;
quando as pessoas se querem bem,
os olhos dão os *sinaes*.

288

Deus em pôr tempo e dispor tempo,
não gasta tempo algum;
o sabio faz e desfaz,
e fica o sabio sempre em jejum. (1)

289

S. João de Barcelinhos,
tem a coisa pequenininha,
puchae, raparigas, puchae,
p'ra ella ser mais compridinha.

290

Na ponte de Barcelinhos,
'stava uma silva no chão,
todos passam ficam soltos,
só eu fiquei na prisão.

291

As moças de Barcelinhos
cortaram o passarinho,
e botaram-n'ó a cozer,
cuidando que era toucinho.

292

As moças de Barcelinhos
todas tem a fralda roça,
só a Maria pequena,
tem uma nova d'estopa.

293

A ponte de Barcelinhos
tem uma *sirva* no chão,

(1) Em um supplemento da *Gazeta de Famalicão*, vimos uma cantiga avulsa que dizia assim:

«Em pôr tempò e dispòr tempo
«Não gasta Deus tempo algum,
«O homem põe, Deus dispõe,
«E fica o homem em jejum.

todos que passam se soltam,
só eu fiquei na prisão.

294

Minha mãe tem, tem,
tripas a cozer,
ó do tripó-pó,
que me vou encher.

295

As moças de Barcelinhos
cortaram a passarola,
botaram-n'a a cozer,
cuidando que era uma arola.

296

Querendo tú tambem eu quero
temos o contrato feito,
Mas não venha pae nem mãe
Desmanchar o q'está feito.

297

Pelo toque da viola
Eu sei as horas que são;
Inda não é meia noite,
Vou-me até ao serão.

298

Nunca se pode fazer
Firmeza n'uma mulher,
Já me não canço por ellas
Tenha paixões quem quizer.

299

Quando comecei amar-te,
não conhecia enganar;
foi o pago que me destes,
por eu ter tão poucos annos.

300

Chamaste me trigeirinha,
Diante de tanta gente;
Agora fica-me o nome.
trigeirinha para sempre.

301

Semei a salsa verde
Debaixo dos oliveas;
Cãidci que me esquecias
Cada vez me lembras mais.

(Estas canções foram recolhidas em
Barcellos em 1888.

(Continúa)

José da Silva Vieira.